

Luis Quintais

Las proposiciones poéticas

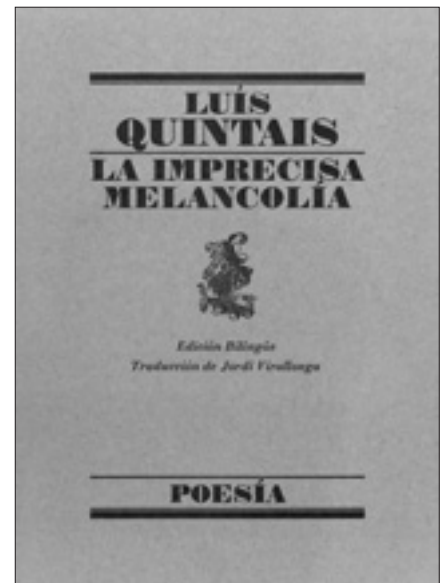
Las proposiciones poéticas,
mensurables como la distancia que separa las márgenes de un río,
son primero circunstanciales,
después se apropian de la experiencia de todos.

Un verano abstracto se pega al vocabulario
del invierno,
el invierno presente.
Una luz cenicienta se torna azul:
va, paso a paso,
al encuentro del estío.

Y el estío es la mente, la mente que se separa del tiempo,
que mide el río con rigor
y anota la sed que se había alojado
en el viento

que sopla y antes no soplabá,
que desnuda los árboles y los lanza
hacia la memoria que los viste
magníficamente.

Oh árbol lleno del verde de las hojas
y del azul de la imaginación,
vuélvete ahora poema
-ahora eres verano.



Poema original

As proposições poéticas // As proposições poéticas, / mensuráveis como a distância que separa as margens de um rio / são primeiro circunstanciais, / depois arrogam-se da experiência de todos. // Um verão abstracto cola-se ao vocabulário / do inverno / o inverno presente. / Urna luz cinzenta torna-se azul / vai, passo a passo, / ao encontro do estio. // E o estio é a mente, a mente que se separa do tempo, / mede o rio com rigor / e anota a sede que se alojara / no vento // que sopra e antes não soprava, / que despe as árvores e as lança / para a memória que as veste magnificamente. // Ó árvore cheia do verde das folhas / e do azul da imaginação, / torna-te agora poema / -és agora verão. (De *a imprecisa melancolia*).



J,J, Lacalle "Laka"

Arte privado

Debería haber hecho de mi música un amor más silencioso como si de un arte privado se tratase.

A ti, a quien hablo de poesía, a ti que asistes al desarrollo de cualquier cosa que no comprendes, te respondo que tampoco yo comprendo, que no hay que comprender, porque nada nos condena al habla antes de que las palabras acontezcan.

Por ejemplo, ese poema iniciado en una mañana de junio y nunca terminado: un principio de verano, la ventana que da hacia el alquitrán sin tráfico serpenteando por las colinas.

La calle de a diario
y el archipiélago de soledad despertando
a las pocas cosas que procuro
y que el poema ha de entretejer
si acaso entretejer
La virtud que, ciega,
va conociendo su camino.

Se desprende un hilo luminoso de la imposibilidad de las palabras,
y si nos ponemos tristes no hay para tanto,
pues no existen momentos irrepetibles.
Ellos anidan en la sangre

y vuelven a sumergirnos en la experiencia:
un día de verano, un bosque, colinas
donde la serpiente de alquitrán se enrolla.
La ausencia de tráfico como motivo.

Poco a poco voy recuperando la estampa.
Ahora sé que había un ave sobre las colinas
pues siempre hay un ave, o la sombra de ella,
en mis poemas. Que había agua,
el olor de las inusitadas lluvias
en la mañana de junio.

El rumor de la imagen pegado a los dedos.
El ocre oscuro de las arenas esparcido sobre la mesa
es un símbolo de infancia,
pero no lo reconozco todavía.
El poema es una enumeración que no tuvo lugar,
que nunca tendrá. Yo, cerca del fracaso,
no lo reconozco todavía.

Mientras tanto se da en mí el adviento
de lo que me define,
y el barro del que estoy hecho se cuece por dentro.



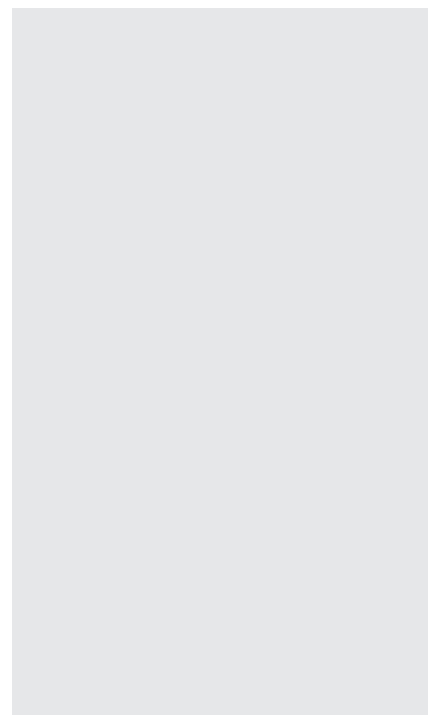
J,J, Lacalle "Laka"



J.J, Lacalle "Laka"

Poema original

Arte privada // Deveria ter feito da minha música um amor mais silencioso / como se de uma arte privada se tratasse. // A ti, a quem falo de poesia, a ti / que assistes ao desenrolar de qualquer coisa que não compreendes, / responde-te que também eu não compreendo, / que não há que compreender, / porque nada nos condena à fala / antes que as palavras aconteçam. // Por exemplo, esse poema começado numa manhã de Junho / e nunca terminado: um princípio de verão, / a janela que dá para o alcatrão sem tráfego serpenteando pelas colinas. // A rua de dia de semana / e o arquipélago da solidão despertando / para as poucas coisas que procuro / e que o poema irá entretecer / se entretecer / A virtude que, cega, / vai conhecendo o seu caminho. // Desprende-se um fio luminoso da impossibilidade das palavras, / e se ficamos tristes não era para ficarmos, / pois não existem momentos irrepetíveis. / Eles aninham-se no sangue / e voltam a mergulhar-nos na experiência: / um dia de verão, um bosque, colinas / onde a serpente de alcatrão se enrola. / A ausência de tráfego como motivo. // A pouco e pouco vou recuperando a gravura. / Agora sei que havia uma ave sobre as colinas / pois há sempre uma ave) ou a sombra dela, / nos meus poemas. Que havia água, / o cheiro das inusitadas chuvas / pela manhã de Junho. // O rumor da imagem colado aos dedos. / O ocre escuro das areias espalhado na mesa / é um símbolo da infância, / mas não o reconheço ainda. / O poema é uma enumeração que não teve lugar, / que nunca terá. Eu à beira do fracasso, / não o reconheço ainda. // Enquanto isso tem lugar em mim o advento / do que me define, / e o barro de que sou feito coze por dentro. (De *a imprecisa melancolia*).





Calzada de San Francisco

Subo la Calzada de San Francisco.
Voy tentando la total ausencia de luz
en que mi alma se encuentra
desde hace mucho tiempo sumergida.

Voy tentando la luz que me rodea con la tiniebla
que sepultaron en mí: meteorología
propicia al alejamiento de quien sube la Calzada
imaginando que hay caminos sin fin.

Hoy, recuerdo una imprecisa mañana como esta
en la que te encontré asomada
sobre la más luminosa visión que conozco
repitiendo los objetos amados:

promesa de que se volverá a las márgenes del río
con un entendimiento nuevo del río.
Tajo, dijiste, y el recuerdo de las sílabas
tuvo la fuerza de un sacramento, las sílabas

por ti pronunciadas en lo alto de la Calzada de San Francisco
en una mañana como esta. La escalera hacia el infinito
desemboca en un río. Pájaros en migración
van entoldando sus aguas, la luz recogida con desacierto.

Mi alma no consigue desprenderse
de estos sortilegios que van oscureciéndola,
no consigue liberar estos pájaros
que cruzan sus cielos para conducirlos.

a regiones más fértiles, ilimitadas. Me sirve el espacio
en la cima de la Calzada de San Francisco, el modo
en que te conmueves al crear la distancia y la ceniza de las palabras
para añadir un poco de luz a las razones de mi desespero.

(Traducciones de Jordi Virallonga)

Poema original

Calçada de São Francisco // Subo a Calçada de São Francisco. / Vou tentando a total ausência de luz / em que a minha alma se encontra / há muito mergulhada. // Vou tentando a luz que me rodeia com a treva / que sepultaram em mim: meteorologia / propícia ao afastamento de quem sobe a Calçada / imaginando que há caminhos sem fim. // Hoje, recordo-me de uma vaga manhã como esta / em que te encontrei debruçada / sobre a mais luminosa visão que conheço / repetindo os objetos amados: // promessa de que se voltará às margens do rio / com um entendimento novo do rio / Tejo disseste, e a recordação das sílabas / teve a força de um sacramento as sílabas // por ti proferidas ao alto da Calçada de São Francisco / numa manhã como esta. A escada para o infinito / desemboca num rio. Pássaros em migração / vão toldando as suas águas; a luz colhida a desacierto. // A minha alma não consegue soltar / estes sortilégios que a vão escurecendo, / não consegue libertar estes pássaros / que lhe cruzam os céus para os conduzir // a regiões mais férteis, ilimitadas. Serve-me o espaço / ao cimo da Calçada de São Francisco, o modo / como te comoves ao criar a distância e a cinza das palavras, / para acrescentar um pouco da luz às razões do meu desespero. (De *A imprecisa melancolia*, 1995)